

NESTE NÚMERO:

A história de **PEDROTO** o  
"internacional" do BELENEN-  
SES que custou 500 contos  
ao F. C. PORTO.

1-DEZEMBRO-1957

Preço -- 1\$50



MÁRIO DE AGUIAR apresenta  
**CRÓNICA DESPORTIVA**

N.º 34 — 1-12-1957

Director e Editor: VASCO SANTOS  
Redacção e Administração: Rua Saraiva  
de Carvalho, 207 — Telefones: 66 86 39  
e 66 86 84 — Propriedade de AGUIAR  
& DIAS, LDA. — Distribuição da AGENCIA  
PORTUGUESA DE REVISTAS — Com-  
posto e impresso nas oficinas da E. N. P.  
(Anuário Comercial de Portugal)  
TODOS OS DOMINGOS

*...Ou empatam  
quatro vezes a fio  
a uma bola ou marcam  
aos quatro e cinco, e até  
nove golos!...*

AS CAPAS DESTA REVISTA SÃO  
REPRODUÇÃO FOTOLITOGRAFICA  
E IMPRESSÃO OFFSET DA  
FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.  
RUA DA ROSA, 273 E 277 LISBOA TELEF. 20958



## F. C. Porto Belenenses



**não fazem cerimónia em se mimosearem  
com alguns resultados retumbantes...**

Os jogos Belenenses-F. C. Porto foram em todos os tempos, duelos de emoção e os resultados tanto podem reflectir equilibrio como desnivel espantoso. E quanto a campos, não fazem cerimónia...

Reproduzimos algumas imagens de vários jogos entre os «azuis» do Norte e do Sul, bem como a lista de resultados averbados em torneios em que estava em causa o titulo de campeão (só a partir de 1933-39 no campeonato da I Divisão); antes, o antigo campeonato de Portugal, por eliminatórias:

1926-27 (1/8 final) — Belenenses, 3-2 (com prolongamento).	1942-43 — Porto, 3-1 e Belen. 4-0.
1931-32 (final) — F. C. Porto, 4-4 e 2-1.	1943-44 — Porto, 1-0 e Belen. 4-0.
1935-36 (1/4 final) — Belenenses, 1-1, 0-0, 1-0.	1944-45 — Belenenses, 6-2 e 3-2.
1936-37 (1/2 final), F. C. Porto, 4-0 e Belenenses, 1-0.	1945-46 — Belenenses, 1-0 e 3-2.
	1946-47 — F. C. Porto, 0-0 e 2-0.
	1947-48 — Belenenses, 2-0 e 3-0.
	1948-49 — Porto, 2-0 e Belen. 3-1.
	1949-50 — Porto, 2-0 e Belen. 5-3.
	1950-51 — F. C. Porto, 2-0 e 3-3.
	1951-52 — Empates, 1-1 e 1-1.
	1952-53 — Empates, 1-1 e 1-1.
	1953-54 — Belenenses, 2-0 e 5-2.
	1954-55 — Belenenses, 1-0 e 1-0.
	1955-56 — F. C. Porto, 1-1 e 1-0.
	1956-57 — Porto, 5-0 e Belen. 4-3.

**I DIVISÃO** (indicados em primeiro lugar no Porto).

1938-39 — F. C. Porto, 5-2 e 3-1.
1939-40 — F. C. Porto, 3-2 e 1-0.
1940-41 — F. C. Porto, 2-2 e 3-2.
1941-42 — Belenenses, 3-2 e 7-3.

Facemos o balanço:

Vitórias do F. C. Porto: 15. Vitórias do Belenenses: 20. Empates: 11.

O F. C. Porto é o detentor do resultado mais folgado (5-0, na época passada), mas o Belenenses já triunfou por quatro vezes por diferença de quatro bolas, inclusive no Porto!

No Campeonato da Liga (que não valia como para o titulo de campeão nacional, mas era disputado nos moldes da I Divisão, o F. C. Porto chegou a vencer o Belenenses (1936) pelo resultado sensacionalissimo de 9-1!



Num Belenenses-F. C. Porto de há vinte anos: Perfeito e Francisco Ferreira (quem o reconheceu, com a camisola do F. C. Porto e cabeça atada?) observam a defesa do «keeper» nortenho

Em Janeiro de 1945, o Belenenses cometeu a proeza de vencer o F. C. Porto no campo deste, por 6-2. Tarde de nevoeiro, a ponto de mal se distinguirem os jogadores. As fotos mostram um dos golos do Belenenses, marcado por Coelho, e o duelo Guilhar-Armando

## A expressiva vitória do Belenenses no Porto

numa tarde em que a neblina mal deixava distinguir os jogadores em campo



## Recordações de CARLOS PEREIRA

# O público nem almoçou...

Carlos Pereira, uma das mais categorizadas figuras dos encontros Belenenses-F. C. Porto, convidado a desfiar as suas recordações, contou-nos:

— Os encontros entre os dois clubes tiveram sempre para mim, sem saber muito bem porquê, um interesse muito particular. «Por isso me recordo ainda hoje muito bem de alguns casos sucedidos».

— Como por exemplo.

— Quando da inauguração da Exposição do Mundo Português realizou-se nas Salésias para disputa de um valioso troféu, um Belenenses-Porto. Nós nessa altura tínhamos uma boa equipa e eu estava em boa forma. Entramos em campo decididos a conquistar a Taça. Ao intervalo, porém, perdíamos por 4-1 e eu na cabine tive um ataque de choro porque nada fizera no primeiro período e ainda por cima não podia com as pernas. E Carlos Pereira «vivendo» o momento proseguiu:

— Fui maquiado e entrei disposto a mostrar o que valia e a auxiliar a equipa a desfazer a má impressão que vinha causando. Pois fizemos uma segunda parte em cheio e conseguimos empatar: 4-4!

— Se o jogo tem durado mais uns minutos teríamos ganho certamente. — concluiu o antigo médio portuense.

— E qual foi o triunfo mais saboroso?

— A eliminação dos «azuis» na Taça de Portugal em 1946. Empatamos o jogo no Porto, viemos empatar também às Salésias e só no terceiro encontro jogado no Porto debaixo de autêntico temporal conseguimos ganhar por 1-0.

«Fiz nesse dia uma grande exibição — recordou Carlos Pereira que ainda acrescentou:

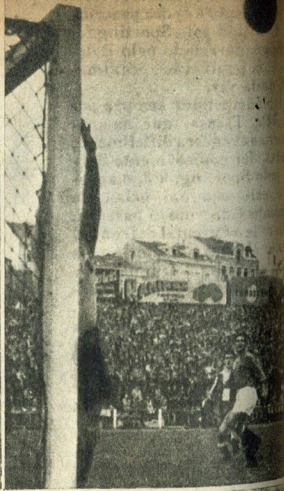
— Ainda me recordo que o jogo por se ter realizado a uma quarta-feira se iniciou ao meio-dia o que levou muita gente a não almoçar para aproveitar o intervalo dos empregos para assistir!

### A pujança de Carlos Pereira!

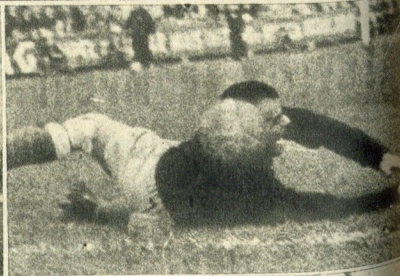


O campeonato de 1943-44 principiou logo por um Belenenses-Porto, dando a vitória aos lisboetas, por 3-2. Eis Barrigana a captar a bola, protegido por Guilhar e carregado por Armando





Depois de muitos anos de penumbra, no campeonato maior o F. C. Porto deu um ar de graça em 1950-51, ao classificar-se como subcampeão nacional. Garantiu essa posição, após um jogo com o velho rival belenenses, ao qual venceu por 2-0. O primeiro golo foi apontado por Vital conforme ilustra a gravura. Rebelo, Castela e Serafim, entre outros, bem viram como foi...



A ESQUERDA: Apresentamos algumas sugestivas imagens do Belenenses-F. C. Porto disputado na 18.ª jornada do campeonato de 1948-49, presenciado por grande assistência nas Salésias. Estava-se no «reinado» do Sporting e o resultado do duelo de «azuis» decidia qual devia ser o rival mais ameaçador dos «leões». Ganhou o Belenenses que ficou isolado em 2.º lugar; mas por pouco tempo, pois acabou por ser ultrapassado pelo Benfica... O jogo com o F. C. Porto foi disputado com grande energia e bom recorte técnico. Agradou em cheio!

Vemos por exemplo, a força de um possante Vasco contra o Lino (1); Barrigana sofre um golo em condições estranhas. Alfredo passara-lhe a bola com força, bateu-lhe e ressaltou para redes (2); tão-pouco é natural a posição de Sério (3); A bola esgueirou-se-lhe por entre as mãos, entrou na baliza... com o guarda-redes! O lance que originou este estranho golo vê-se na foto a seguir (4). Veja-se ainda a entrada energética de Alfredo que parece impressionar Vicente do Ó (5).

# ESTA SEMANA FAZEM ANOS...



Quando ao outro aniversariante — **José Valentim Duarte** — só conheceu o Barreirense, desde os juniores. Nasceu em Palhais (Barreiro) em 3 de Dezembro de 1931, ou seja no mesmo dia de Martinho... mas oito anos mais tarde. Festeja pois, na terça-feira, o 26.º aniversário.

Os «kazes» do futebol que fazem anos esta semana, dois pertencem ao Oriental; outro ao Barreirense.

Os orientalistas são **Rogério e Martinho**. Um completa 35 anos no próximo sábado (como o tempo passa!) e o outro na terça-feira perfaz 34 anos.

**Rogério Lantros de Carvalho** nasceu em Lisboa em 7 de Dezembro de 1922. Começou a jogar em 1939-40 no Chelas, onde se manteve até 1941-42. De 1942-43 a 53-54 representou o Benfica. Desde 1954-55 que está no Oriental. Foi internacional 16 vezes, estreando-se contra a França, com 23 anos de idade.

**António Martinho Coutinho** tem mais larga história clubista. Nasceu na Covilhã em 3 de Dezembro de 1923. Representou sucessivamente os seguintes clubes: 1939-40 a 44-45 e em 1948-49 — Sp. Covilhã, 1945-46 a 47-48 — Belenenses, 1950-51 e 51-52 — Lusitano de Évora, 1952-53 a 54-55 — Torriense, 1955-56 — Caldas; desde 1956-57 — Oriental.



## Curiosidades Desportivo-Filatélicas

A Checoslováquia tem ultimamente emitido interessantes selos desportivos. O primeiro da sua série teve por motivo um Congresso do Comité Olímpico Internacional, realizado em Praga em Maio de 1925. Todavia, apresenta simplesmente a efigie do presidente da República dessa altura, Masaryk, nos três valores tão emitidos e sobre-imprensa, em feição de meia lua, a legenda: CONGRES OLYMP INTERNAT. A série custa hoje cerca de 450\$00, segundo o catálogo Landmans, isto porque um dos selos é raro.

Mais tarde, em 1 de Junho de 1926 (a série acima mencionada começou em 10 de Maio de 1925) circularam selos com a mesma efigie, mas com uma sobre-imprensa, também em meia-lua: VIII SLET VEŠOKOLSKY.

Ou seja, comemorativo do 8.º aniversário dos «Sokols» (organização desportiva juvenil).

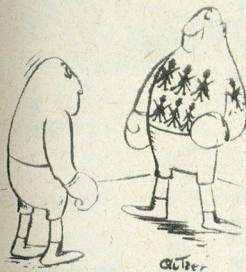
A série de quatro selos importa em cerca de 400\$00.

Comparando-se com outros selos, muito mais baratos, e com motivos (desportivos) muito mais interessantes, chega-se à conclusão que a filatelia reserva-nos surpresas.

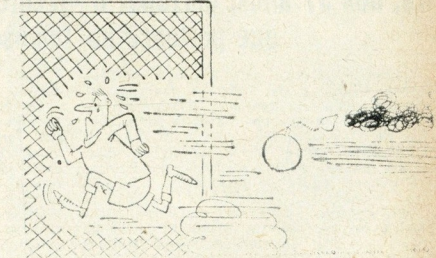
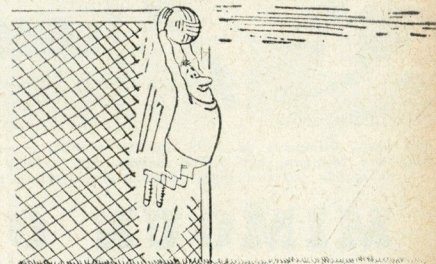
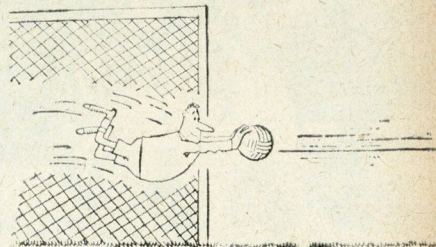
\*  
No próximo número publicaremos os selos dedicados aos Jogos Olímpicos de Amsterdão (1928)



# HUMOR DESPORTIVO



O campeão



O quadro do árbitro vendido

Sem palavras





Nos Jogos Olímpicos de 1952, que se realizaram em Helsinquia, Zatopek vence mais uma vez Mimoun, nos 5.000 metros. Em terceiro lugar o alemão Schade e vítima de queda vê-se o inglês Chataway estendido na pista já próximo da meta.

## MIMOUN OKACHA

**irá, aos 37 anos, derrubar o «record» mundial da Maratona que pertence ao famoso Zatopek ?**

Como preparação para a prova da Maratona Olímpica de 1956, o francês Ali Mimoun Okacha, ganhara, na noite fria de 9 de Setembro, em Varsóvia, uma corrida de 10.000 metros, em 29 m. 13 s. e 4/10. Este tempo, o melhor de Mimoun, e que passou a ser «record» da França, era indício seguro da boa forma do campeão francês.

No entanto, uma outra circunstância pesava no espírito de Mimoun: eram as datas em que compatriotas seus tinham triunfado na Maratona Olímpica. Em 1900 o francês Michel Théato, ganhou a prova; em 1928, foi outro francês o vencedor, o argelino El Quafi... e também 28 anos volvidos seria a vez de Mimoun?...

Com a ideia fixa na vitória Mimoun, definiu planos, treinos e venceu...

Os êxitos deste grande desportista (e tantos são) só podem ser explicados na sua forte personalidade e vontade indomável de vencer, cimentadas na forma dura como decorreram os anos da sua adolescência.

Ali Mimoun nasceu a 1 de Janeiro de 1921, na aldeia de Berber, na região montanhosa de Telag, ao Sul de Oran, na Argélia. Seus pais, pastores pobres, apenas o puderam mandar aprender a ler na Missão Católica local.

Durante parte das férias, o jovem Mimoun passava largos períodos em casa de um tio, na aldeia de Bessuet, a 800 metros

de altitude. Na companhia deste parente, Mimoun fazia grandes excursões venatórias, que se prolongavam por muitos dias. A sua alimentação era a mais simples que se pode imaginar: queijo e leite de ovelha e cabra; mel, pão de centeio, carne de cabra, fruta e água. Assim se passaram anos, até que a guerra rebentou e Mimoun, como muitos outros jovens, foi mobilizado.

Na grande conflagração que incendiou grande parte do Mundo, o argelino revelou logo a sua coragem e espírito de combatente, o que lhe valeu várias condecorações entre elas a Legião de Honra, por, com o sacrifício da própria vida ter limpo um campo de minas, durante a luta pela posse de Monte Caesino, na Itália.

Outra passagem da vida de Mimoun que define melhor do que qualquer outra o seu temperamento de lutador persistente é aquela que lhe valeu a sua actual privilegiada situação social.

Apenas com estudos rudimentares, Ali Mimoun tirou o curso superior de Educação Física, e em 1949 foi nomeado professor do Instituto Nacional Francês de Desporto e nessa qualidade indicado também para treinador da equipa nacional francesa de atletismo.

Diz-se que Mimoun, com este passado, tinha por força de adquirir a resistência das rochas que o viram nascer...

Todavia, o aspecto franzino e delicado de Mimoun (pesa 57 quilos e mede 1m,60 de altura), com a pele queimada pelo sol e seu bigode fora de moda, dá-lhe mais o aspecto de toureiro ou bailarino do que de um atleta com tal «endurance».

Desportivamente, quando em Julho de 1946 Mimoun desembarcou em Paris, era praticamente um desconhecido.

Apesar de ter sido um dos mais directos rivais do campiãoíssimo Zatopek, só após a sua vitória na Maratona Olímpica de 1956, Mimoun recebeu a consagração internacional.

Realmente, o famoso checo foi sempre a barreira que evitou maiores triunfos a Mimoun, como se pode ver pelas classificações alcançadas pelos dois grandes fundistas nas provas internacionais em que actuaram juntos.

Nos Jogos Olímpicos de Londres, em 1948, Zatopek foi pri-

meiro nos 10.000 metros e Mimoun segundo; igualmente se classificaram na mesma ordem nos campeonatos europeus de 1950 nos 10.000 e 5.000 e quando dos Jogos Olímpicos de 1952 disputados em Helsinquia a tradição manteve-se nos 5.000 metros com Zatopek em vencedor e Mimoun logo a seguir.

É certo que Mimoun venceu muitas das provas nacionais e internacionais em que tomou parte, mas a sua grande vitória, aquela que culmina a carreira brilhante de um grande campeão só foi possível com o desaparecimento de Zatopek.

Aqueles que pensavam que a carreira de Mimoun havia terminado com a sua vitória na Maratona Olímpica de 1956, decerto que devem ter ficado surpreendidos com a decisão do argelino se manter em actividade e anunciar que espera bater em breve o «record» mundial da Maratona, que pertence ainda a Zatopek.

Será o francês capaz de fazer o que anuncia? Tudo nos leva a crer que sim.

**Em Melbourne, Mimoun é finalmente um campeão Olímpico.**





**Hussene Dand** (de origem norte-americana e turca!), **Gonçalves Rodrigues (Lito)** e **Carlos Coelho**, de pé; **Maló Abreu**, **Domingos da Silva** e **Silva Martins**.

Ingressaram esta época, no Benfica, seis novos elementos, os quais têm esta particularidade comum: são todos ultramarinos.

Estão entregues aos cuidados do competente Valdivielso, e é este que nos diz:

## Estes são os seis novos ultramarinos do Benfica

— Todos eles têm «finta» e prometem. O Benfica pode confiar no futuro...

Esses seis novos elementos, são: *Domingos da Silva*, natural de Vila Salazar, (Angola). Data de nascimento: 28 de Abril de 1937. Clube de onde veio: S. Paulo F. C. de Luanda e actuou à interior-direito. É estudante de Ciências.

*Silva Martins*. Naturalidade: Benguela, onde nasceu a 11 de Maio de 1940. Veio do Sporting C. de Portugal. Era extremo-esquerdo de preferência, mas também jogava a avançado-centro.

*Carlos Gonçalves Coelho*. Natural de Nova Lisboa onde nasceu a 23 de Setembro de 1939. Veio do Clube Académico de Huambo onde jogava a médio-direito e defesa-central. É estudante liceal.

*Carlos Alberto Gonçalves Rodrigues (Lito)* É do Moxico (Luso) e nasceu a 19 de Dezembro de 1937. Veio do Sporting Clube do Moxico onde jogava a avançado-centro.

*José Luís Maló Abreu* é de Moçâmedes onde nasceu a 29 de Março de 1940 e jogou na Académica de Huila a guarda-redes.

*Hussene Dand Vagumar* é o último dos seis e nasceu em Lourenço Marques a 13 de Agosto de 1940. Jogava a avançado-centro do «Ferroviários» e é de origem norte-americana, por parte da mãe; turca por parte do pai.

Estas são as últimas seis esperanças que ingressaram no Benfica.



## Galaz treina como guarda-redes

Quem será este guarda-redes? — perguntará o leitor...

Não é guarda-redes! — elucidamos nós. Trata-se do defensor-central do Sporting, Galaz, numa das fases do treino a que Henrique Fernandez o submete diàriamente.

O popular jogador é obrigado a constantes golpes de rins para poder agarrar as bolas que lhe são enviadas quer para o lado esquerdo, quer para o lado direito.

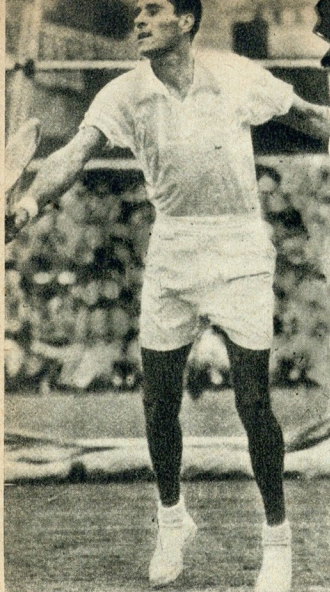
Assim, um dos antigos jogadores nacionais, considerados dos mais pesadões, está-se tornando actualmente num dos mais elásticos e ginasticados futebolistas portugueses.

Eis as virtudes da vontade, do treino metódico e... de se possuir um bom treinador.

## Soluções dos passatempos deste número

**Pilha de nomes** — Caldeira, Virgílio, Coluna, Vicente, Caiado, Pacheco, Aguas, Dimas, Hernâni, Serra, Pires, Pedroto, Suarez, Artur, Pinho, Cavem, Ramin.

**FOTO-ENIGMA** — Inauguração do Estádio do Belenenses (Restelo).



Pancho Gonzalez, campeão do Mundo de Ténis. é o elemento mais preponderante do «Círculo» de «Big» Jack Kramer.

# JACK KRAMER

## o magnate americano do ténis profissional

Antigo campeão mundial de ténis e agora presidente da «World Tennis Incorporated», Jack Kramer, é dos nomes mais debatidos nos círculos internacionais do Ténis, pelas suas astronómicas ofertas aos mais reputados ténistas amadores para actuarem no seu «círculo» de profissionais. «Big Kramer» (o grande Kramer) tem demonstrado verdadeiro tacto comercial pela forma como orienta a organização de que é presidente.

Primeiro, pela excelente forma como organiza os programas; segundo, por ter contratado alguns dos melhores ténistas mundiais, por verbas verdadeiramente espantosas: Pancho Gonzalez, campeão do Mundo; Pancho Segura, Ken Rosewall, Frank Segman, Lew Hoad, todos campeões de Wimbledon e muitos outros de grande projecção. Quanto a Pancho Gonzalez, que é considerado um extravagante, não se conhece com exactidão o seu contrato; mas dos outros, Hoad foi o que mais recebeu: orça por 3.500 contos; segue-se Segman, cerca de 2.000 contos e Rosewall, 1.600 contos. Se a estas verbas,

acrescentarmos a percentagem sobre os lucros e os direitos de publicidade, temos de considerar, serem verdadeiramente fabulosas, as ofertas do «manager» americano.

Kramer que conhece bem o gosto do público prepara tudo com inteligência e método. Hoad, por exemplo, que recentemente foi contratado, terá de fazer um estágio de seis meses jogando contra Segura, Rosewall e Segman, para se adaptar à tática dos profissionais, além de constituir estímulo para o australiano e motivo de interesse para o público. Após esse período de estágio, Kramer lançá-lo-á numa «tournee» através dos Estados Unidos, durante a qual defrontará o campeão do Mundo, Pancho Gonzalez numa série de cem jogos.

Os encontros realizam-se todos os dias em cidades diferentes, pelo que a «caravana» de Kramer se deslocará, percorrendo distâncias que nunca ultrapassarão os 400 quilómetros.

O esforço exigido dos actuaentes é verdadeiramente exaustivo. Terminando, na maioria dos casos, os jogos por volta da meia-noite, os ténistas apenas têm tempo de ir à cama repousar algumas horas para estarem aptos a iniciarem nova viagem na manhã seguinte.

Os preparativos são meticulosos. Um director de publicidade antecede o «grosso da coluna», para tratar da propaganda dos espectáculos com uma semana de antecedência, um director de viagens trata de todos os detalhes da localização dos jogos e instalação dos componentes da caravana. Um director de equipamento orienta a montagem de «courts» portáteis e todos restantes acessórios, os quais são conduzidos em camiões e montados escassas horas antes do início dos jogos.

E por detrás de tudo isto, o «cérebro» da organização, o homem que se aventura a perder ou ganhar; que acompanha a «caravana» ou fica no seu «quartel-general» de Los Angeles, de onde dirige as operações pelo telefone. «Big Jack Kramer».

# Eh! Pá! Dá cá um cigarro...

— Eh! Pá! Dá cá um cigarro!  
Quantas vezes o próprio leitor não terá pronunciado ou escutado esta frase quase sacramental num círculo de amigos?

É claro que estes «cravangos» (e até se diz na gíria dos fumadores, como dos não fumadores), também se verificam entre os «ases» do futebol. Simplesmente não se trocam estes sorrisos tão amáveis que Di Pace e Matateu deixam transparecer. Até parece mesmo que Matateu está a dizer:

— Señor D. Miguel Di Pace, ruma?

E ò outro:

— Oh! V. Ex.ª é muito amável.

Não. Eles sorriem «hipócritamente» porque está lá o fotógrafo a convém mostrar que a rapaziada do Belenenses é toda «gentleman»...

Na realidade, se ninguém os estivesse escutando, a conversa seria mais ou menos assim:

— Éh! Pá! Dá cá um cigarro...

— Éh! Pá! «Tás» um «pedinchão»!  
No, campo andas sempre a pedir a bola. Aqui, são os cigarros... Toma lá, mas não leves todos!...



## PASSATEMPO

Preenchendo os pontos por letras encontrará o leitor nomes de jogadores de futebol dos «quatro grandes» (Benfica, Sporting, Belenenses e F. C. Porto).

C . . . . .	D . . . . .
R . . . . .	E . . . . .
O . . . . .	S . . . . .
N . . . . .	P . . . . .
I . . . . .	O . . . . .
A . . . . .	R . . . . .
	T . . . . .
	I . . . . .
	V . . . . .
	A . . . . .

(Soluções na página 11)



# ACABE-SE AS ASSOCIAÇÕES REGIONAIS!

No número anterior abordámos, com plena oportunidade, uma faceta do problema da orgânica desportiva portuguesa: o dilema que se oferece aos dirigentes das Associações regionais — ou terem ideias próprias ou actuarem à medida dos desejos dos clubes.

Recentemente, a Associação de Lisboa deu mostras de um critério híbrido: para escolher os candidatos às eleições da Federação «fechou-se em copas», como costuma dizer-se, e deliberou como ditava a consciência dos seus sete membros o que não queria dizer que tenha sido por unanimidade. Por sinal deliberou de modo a descontentar alguns, senão a maioria, dos seus principais clubes filiados. Para escolher o caminho a seguir relativamente à «Taça de Portugal» usou do processo de consultar os clubes interessados.

Frise-se, desde já, que a observação não constitui a menor censura nem discordância da nossa parte. Primeiro porque a lei está pelo seu lado, segundo porque a natureza dos assuntos é dessemelhante.

No caso da «Taça» haveria oito clubes lisboetas directamente interessados. No caso das eleições federativas... eram todos interessados.

Aqui reside o busilil da questão. Todos os clubes — «grandes» ou «pequenos» — são directa ou indirectamente interessados em todos os assuntos de projecção nacional da sua federação. Todos eles devem ter o direito de, pelo menos, manifestar a sua vontade relativamente à escolha dos dirigentes que orientarão a actividade do futebol, que é a sua, a de todos esses clubes!

Não deverão ser as Associações a decidirem uma coisa que na prática só indirectamente lhes diz respeito. As Associações não têm actividade própria — não têm equipas para governar, sócios a pagar quotas, estádios para manter, etc.. A sua função é de simples intermediárias (escusada, em nossa opinião) entre o clube e a federação.

Por que motivo não de ser as Associações a resolverem coisas que interessam mais aos clubes do que a elas?!

Este conceito — repitamos — não envolva remoque ou quer que seja às Associações, como a de Lisboa e do Porto, por exemplo, indicarem candidatas para

as urnas da F. P. F. sem dar satisfações aos seus filiados.

E isto porque actuaram como mandam os estatutos — com inteira independência de opinião.

Que os estatutos estejam errados, é que é outra coisa. Todavia, de qualquer forma, esbarra-se sempre com inconvenientes.

Se os estatutos determinarem, por exemplo, que sejam os clubes a indicar às suas Associações os candidatos às eleições da F. P. F. (ou outro qualquer assunto), então onde está a escada hierárquica da nossa orgânica desportiva? Quem manda: são os clubes nas Associações ou estas nos clubes?!

Em nossa opinião — que coincide com uma sugestão há tempos emitida pelo Conselho de Contas da F. P. F. — o problema resolve-se facilmente, e, estamos certos, a bem do próprio futebol, da boa marcha dos seus assuntos, técnicos e administrativos, a bem dos clubes, que são as células vivas deste gigantesco corpo palpitante que é o desporto.

Essa solução É: ACABE-SE COM AS ASSOCIAÇÕES REGIONAIS, TRANSFORMEM-NAS EM DELEGAÇÕES DA FEDERAÇÃO, APENAS COM FUNÇÕES BUCROCRÁTICAS, E FORA DA ESCALA HIERÁRQUICA DO DESPORTO PORTUGUÊS!

Dir-se-á que é um projecto louco, «revolucionário», inviável. É natural. Todas as grandes reformas provocam sorrisos cépticos... E, no entanto, a supressão das Associações regionais é a fórmula mais simples de dirigir o desporto, uma vez que haveria apenas clubes e federações (o caso das Associações provinciais ultramarinas é diferente; só estas, sim, se justificam plenamente).

O mal maior é que, noutros desportos, com mais fracos recursos ainda que o futebol, também se trilha o mesmo caminho. Faça-se um inquérito sobre as condições de vida dessas Associações regionais, quer de futebol, hóquei, xadrez ou quaisquer outras, e atente-se à sua utilidade fundamental e quantos problemas têm suscitado os choques de interesses regionais. Se são tantos a mandar...

Reveja-se, pois, a estrutura do desporto nacional e procure-se beneficiá-la com firmeza e lógica.

# Behra

## não está nada bera...

Num quadro magnífico, ao qual nem a beleza de um mar azul e calmo faltava, Jean Behra conseguiu ganhar em Casablanca o «Grande Prémio» local em automobilismo.

O seu mérito foi grande, pois dominou todos os adversários, inclusive o prestigioso Fangio, embora este tivesse feito a volta mais rápida.

Este é o momento em que Behra, à direita, na tribuna de honra, saboreia a alegria do triunfo, recebendo as felicitações do soberano de Marrocos e de seu filho, o príncipe Moulay Hassan



# Nem tudo foi pedalar nos «seis dias de Duisburgo»



Na Alemanha, em Duisburgo, efectuou-se a prova crónica desta temporada outonal: Os «SEIS DIAS» ciclistas. O sarau teve (fora das pistas) momentos agradáveis, como mostram os semblantes de Reineck, Terruzzi (particularmente feliz) Arnold e Luftleben, que sorriem, satisfeitos, enquanto uma jovem estenodactilógrafa, empregada do velódromo, parece, também, apreciar a companhia.

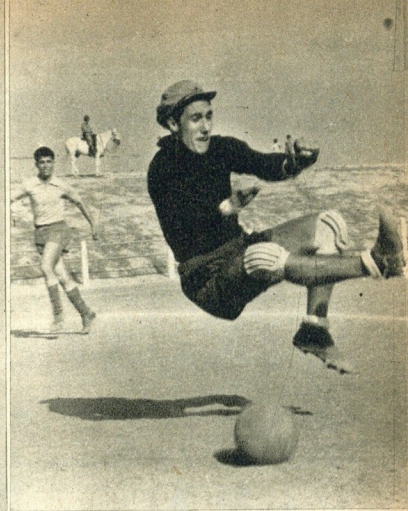
Assim, até apetece andar seis dias a correr...

# SITUAÇÕES COMPROMETEDORAS...

Evidentemente, o Vicente é um jogador de classe. Isso não obsta que o fotógrafo o surpreendesse numa situação um tanto comprometedoras — de costas à procura da bola, que está atrás de si... E o Martins parece ir muito sorrateiro, por de trás dele, para lhe levar a bola...

Ao fim e ao cabo, é o futebol, com a sua inesgotável fonte de atitudes, desde o burlesco às cenas de maior beleza plástica...

Eis aqui uma das mais comprometedoras fotografias de Barbosa, excelente «keeper» do Estoril, mas que nesta fase foi inexplicavelmente enganado. Claro que um guarda-redes saltar e falhar a intercepção da bola nada tem de extraordinário. Mas que ele venha a cair sentado e logo em cima da bola é que nos parece menos natural. Queria ser a sensação da «aterragem»...





## EMÍDIO PINTO deixa raízes... no hóquei

Os dois garotos que se vêem na gravura são filhos do actual seleccionador nacional de hóquei em patins e antigo guarda-redes das balizas nacionais, Emídio Pinto.

Pelos modos, o ditado «filho de peixe sabe nadar» virá ter mais uma aplicação no desporto, pois já vemos um pintinho (diminutivo de Pinto, entende-se) cheio de estilo enquanto o irmãozinho, de raquete em punho, parece dizer que também ele há-de ser alguém no Desporto... Oxalá!

As  
"feras"  
do  
râguebi  
vão  
defrontar-se

Vindos da longínqua Austrália, os famosos jogadores de râguebi daquele país, na sua maioria originários da província de Sidney, chegaram a Inglaterra, onde disputarão alguns jogos. Seguirão depois para França na Primavera próxima, devendo jogar em Nice, Bordéus, Pau e Toulouse.

Em 9 de Março, a equipa da Austrália defrontará a fortíssima selecção da França.

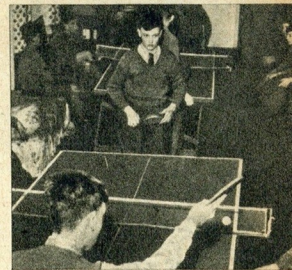


## O DESPORTO nos grandes colégios ingleses

Já lá vai o tempo em que os rapazes das escolas tinham de jogar à bola às escondidas dos professores. Mormente em certos colégios britânicos, já não se aprende somente a ler e escrever. Ensina-se a praticar desporto — com alegria saudável, com lealdade e método.

Futebol, hóquei, pingue-pongue, tudo isso têm os pequenos colegiais nos principais estabelecimentos educacionais da velha Inglaterra. O próprio príncipezinho Carlos faz parte do «team» de futebol da sua escola.

É que desporto também é educação — física e espiritual — e da melhor!





## Sabe que equipa é esta ?

Uma equipa do Sporting, sim sem dúvida. Mas qual? A formação parecerá hoje estranha — Vasques, Gabriel (já se foi embora...) Pompeu, Pérides e Martins, na linha ofensiva. Caldeira, Couceiro (foi com o Gabriel...) Passos («reformaram-no...»), Osvaldinho, Octávio e Juca...

Pois esta equipa jogou (e por sinal perdeu) no dia 23 de Setembro de 1956. Isso não lhe lembra nada, leitor?

Certifique-se na página 11.

## OUTRO «ÁS» QUE SE CASA...

O ciclista belga Alfred Debruyne, grande vencedor do «Challenge» Desgranges-Colombo, e no «Paris-Tours», acaba de contrair casamento, com Lydrie Van de Velde.

Depois da cerimónia, em Berlaere, os noivos e os convidados visitaram o corredor-pasteleiro, o que não quer dizer que seja «pastel» a correr... Liévino Lerno. Em seguida, na cer-



vejaria de Vieze, a cerveja correu como água! Serviu de mestre de cerimónias, o conhecido estradista Kettleer.

A imagem mostra Debruyne e a esposa no momento em que cortaram o tradicional bolo da noiva.

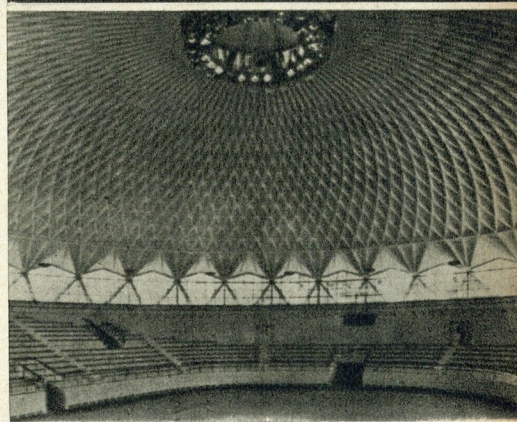
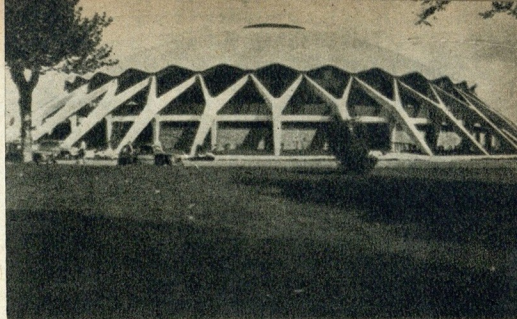
Em breve, haverá mais uma esposa a tremer pela sorte dos «esforçados da estrada», como são cognominados os «ases do pedaal».

## ROMA PENSA JÁ... EM 1960!

Como se sabe, os próximos Jogos Olímpicos realizar-se-ão em 1960, na capital italiana.

Roma prepara-se, pois, com afinco e as obras vão já bastante adiantadas. Apresentamos hoje duas vistas (interior e exterior) da magnífica sala dos Desportos, onde serão disputadas as competições de basquetebol, ginástica, voleibol e outros desportos de sala.

Magnífico e ultramoderno!



No próximo número :

## A história de Travaços

— o português da Seleção Europeia

Narrativa palpitante, profusamente ilustrada, da carreira do mais consagrado futebolista de Portugal.

# «ESPERANÇA» BRITANICA

## nos 100 metros costas

Esta jovem nadadora, de rosto perfeito e físico que se adivinha estu-  
pendo, é uma estudante inglesa e chama-se Tina Barry. Tem 19 anos.  
Aqui, Tina não está disputando qualquer prova. Está, sim, fazendo a  
sua preparação, com vista  
aos Jogos Olímpicos de...  
1960.

Como se vê, por mais in-  
crível que pareça, os britâ-  
nicos não estão atrasados...  
Pelo contrário, as lições do  
passado serviram-lhes de in-  
centivo, para o futuro.

Especialista em 100 me-  
tros-costas, Tina disputará  
todas as provas de veloci-  
dade, durante os próximos cam-  
peonatos britânicos, a reali-  
zar em Blackpool. Esse será  
o teste a que os dirigentes  
da Grã-Bretanha a submete-  
rão, com vista, como atrás  
dizemos, aos Jogos Olímpicos  
de 1960.

Faltam ainda três anos...  
mas os ingleses sabem que  
tempo é dinheiro!

CRÓNICA DESPORTIVA apresenta

# a história de PEDROTO

## — o internacional “belenense” que custou 500 contos ao F. C. Porto

Lamego, «capital da Beira — Douro»,  
cidade antiquíssima onde se realizaram  
as primeiras cortes de Portugal, viu um  
dia nascer — em 21 de Outubro de  
1928 — o mais novo de onze irmãos  
de um considerado casal ali residente  
— o capitão do Exército, Alfredo Pe-  
droto e sua esposa Sr.ª D. Quitéria do  
Carmo.

O pimpolho era, nem mais nem me-  
nos, que o actual médio-direito n.º 1  
de Portugal, José Maria Carvalho Pe-  
droto — o Pedroto, do F. C. Porto  
e «capitão» da selecção nacional, que  
vai fazer desfiar diante dos nos-  
sos leitores o rosário da sua vida  
desportiva. Idolatrias, anseios, ale-  
grias, desilusões, a par de um sem  
número de conceitos futebolísticos,  
tudo será desbobinado — precisa-  
mente no dia de mais um Porto-  
Belenenses, cujas camisolas o con-  
sagrado e brioso atleta, em tantas  
tardes já honrou.

### PINÇA E CONSTITUIÇÃO — PRIMEIRAS IMAGENS DESPORTIVAS

Pois, José Maria Pedroto cedo  
havia de abandonar a sua terra  
natal. Aos 7 anos ficava órfão  
de pai e como em Lamego vi-  
viam por mor da profissão do  
seu chefe — logo a família aba-  
lou até ao Porto onde o pe-  
queno, como aliás, os seus ir-  
mãos, prosseguia os seus estu-  
dos.

Sim, porque José Maria, aos



# LEIXÕES SPORT CLUBE

(AGREMIÇÃO DESPORTIVA)

SEDE-MATOZINHOS

SÓCIO EFECTIVO

NO 0166

Ex.º Sr. JOSÉ MARIA DE CARVALHO

PEDROTO

O Director

Secretario



O primeiro cartão de futebolista de Pedrato — o de júnior.

5 anos, já sabia ler e, desse modo, passou a estudar no Colégio Araújo Lima, ao Marquês do Pombal, a dois passos, quase, do «velhinho» campo da Constituição, propriedade, como se sabe, do F. C. do Porto, que havia de ser o primeiro e, provavelmente, o último clube da sua vida.

O pequeno José Maria, desde menino que sonhava com a bola. Era a melhor prenda que os seus irmãos mais velhos ou pessoas amigas da família lhe podiam oferecer.

No Colégio, já dava os seus pontapés muito bem dados, mas como no trajecto de sua casa para o colégio tinha de passar à porta da Constituição era certo e sabido que ali fazia paragem forçada, quer de manhã, quer de tarde.

É que não era só o facto de poder admirar um campo de futebol a sério, para mais de um clube que era já dos melhores

tava de mim essa ideia. Podia lá ser! Alguém jogar como ele!...

— E qual foi então o seu primeiro clube? — O primeiro, o primeiro foi precisamente o F. C. Porto. Não podia ser outro, embora com carácter oficial viesse a ser o Leixões. Mas eu «tulo e branco», ali na Constituição, por onde passava sempre que podia, o austríaco Gutkas e como formou uma equipa de infantis, logo me escolheu. Tinha então dez anos e não posso descrever a minha loucura, a alegria que senti, ao ver-me equipado a sério, com camisola, botas e tudo, e para mais com uma bola, também a sério, diante de mim.

## «CAPITÃO» E PRESIDENTE DE UM CLUBE

Pedroto conversava com uma vivacidade, própria de quem narra, de facto, um

de Portugal, na altura, mas ainda por cima porque lá podia admirar todos os jogadores do F. C. do Porto, entre eles o seu ídolo, o inimitável Artur de Sousa (Pinga), aquele que Pedroto mais de perto gostava de admirar. Por isso, o pequeno estudante sabia bem a que dias e horas se realizavam os treinos dos consagrados e nunca perdia um momento, ali encostadinho ao gradeamento do campo, de toda a sessão.

— Sim, Pinga está muito na base da minha idolatria pelo futebol. Na altura em que eu diariamente passava pelo campo da Constituição Pinga estava no apogeu da sua glória e como expoente máximo do futebol nacional eu não me cansava de lhe seguir atentamente as pisadas e todos os seus movimentos, afinal — começou por nos narrar Pedroto.

E prosseguiu:

— Realmente, a minha maior ambição (dizia eu para com os meus botões) seria poder imitar Pinga e vir a ser um jogador como ele, se bem que quantas vezes afastava de mim essa ideia. Podia lá ser! Alguém jogar como ele!...

— E qual foi então o seu primeiro clube? — O primeiro, o primeiro foi precisamente o F. C. Porto. Não podia ser outro, embora com carácter oficial viesse a ser o Leixões. Mas eu «tulo e branco», ali na Constituição, por onde passava sempre que podia, o austríaco Gutkas e como formou uma equipa de infantis, logo me escolheu. Tinha então dez anos e não posso descrever a minha loucura, a alegria que senti, ao ver-me equipado a sério, com camisola, botas e tudo, e para mais com uma bola, também a sério, diante de mim.

acontecimento feliz. Susteve-se por uns momentos e refreando um tanto o seu entusiasmo, continuou na narrativa da sua vida desportiva:

— Infelizmente, minha mãe levou-nos a viver para Pedras Rubras, fora da cidade, freguesia a alguns quilómetros de distância, muito próximo de onde hoje está o aeroporto. Por outro lado, tendo feito exame de admissão ao liceu, passei a mudar de rumo. O então Liceu de Rodrigues de Freitas (hoje Liceu Normal de D. Manuel II) ficava muito fora de mão do campo da Constituição e o destino parecia predisposto a afastar-me do F. C. Porto.

E com certa veemência: — O gosto pelo futebol, continuei a mantê-lo a todo o transe. Estava «minado» já! E no liceu ou perto de casa, com os companheiros, sempre que podia, a bola era a minha companheira ideal, dos melhores momentos dessa idade.

Pedroto, atleta culto, fala com desembaraço e não necessita que lhe avivemos a memória com quaisquer perguntas. Vai desbobinando com extrema facilidade a sucessão de factos ligados à sua vida desportiva.

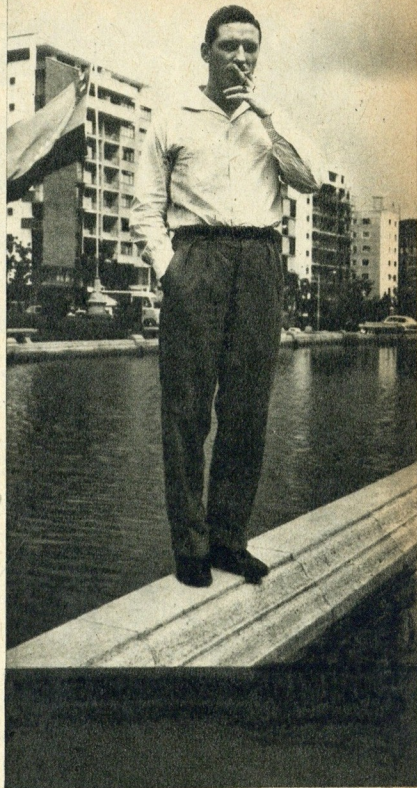
— Lá, onde morava então, tive-mos de fundar um clube — o F. C. de Pedras Rubras, que ainda hoje existe. Eu era o «capitão» da equipa e, ao mesmo tempo, o presidente do «clube», porque era eu quem guardava a bola!... Inicialmente, estabelecemos uma quota de 50 centavos mensais, mas depois, porque não chegavam para custear as várias despesas, houve que, além disso, pagar, a cada jogador, por desatino que se fizesse, mais um escudo.

## LEIXÕES — PRIMEIRO CLUBE OFICIAL

José Maria Pedroto prosseguiu com regularidade os seus estudos. Até ao 5.º ano nunca ficara mal. Mas o jogo do futebol, isso não perdava.

Um dia, foi com um colega do liceu, de passagem para casa, ao campo do Leixões, em Matozinhos, assistir a um treino.

— O meu colega prosseguiu a narrativa — cometeu para comigo, «traíçõesinhas», embora com a melhor das intenções, e denunciou-me ao treinador do clube. Por pouco que não via coroado de



êxito a sua tentativa. É que o treinador não acreditou — talvez que eu fosse capaz de dar dois pontapés direitos. Mediu-me de alto a baixo, e a minha pequena estatura de então e o meu aspecto, franzino de mais por certo, não o convenceram à primeira vista. Eu fiquei taciturno mas nada disse. Vi o meu colega afastar-se um pouco de mim e, após porfiados esforços, lá conseguiu que fôssemos trei-



A equipa do Lusitano de Vila Real de Santo António por onde alinhou Pedroto enquanto esteve na tropa. Alguns dos melhores jogadores desertaram de Vila Real, como por exemplo, além de Pedroto, os três da esquerda, de pé: Faustino, Caldeira (que foram para o Sporting e Madeira (para Évora).



nar. E lá fomos, se bem que me parece que o treinador estava pouco confiado.

— Mas depois do treino... — iam-nos a rematar.

— Ah! Depois do curto ensaio, não mais me largou e enquanto não assinava a ficha, não descansou. É claro, fiquei radiante. Assinei aquela e assinava muitas mais, tal a alegria que senti em me ver reconhecido como jogador de futebol. Até que enfim!... — respirei fundo então.

E melancolicamente:

— O que iria eu valer como jogador de futebol?!... E minha mãe e meus irmãos deixar-me-iam a sério?!... Era o que eu temia!

— Mas, felizmente, tudo correu pelo melhor — interrompemos nós.

— De facto, assim aconteceu. Vá lá, vá lá! Não tive razão de queixa. Joguei então nos juniores do Leixões, onde conheci o grande companheiro que foi Caseiro e que cedo, por motivo de

Pedroto e Rebelo no dia em que jogaram contra o Lanus. Pedroto lesionou-se quase no fim e foi então que os argentinos fizeram 1-0 e ganharam o jogo.

doença grave, deixou de jogar. Mas ainda ambos ascendemos à primeira categoria, sem termos militado nas categorias secundárias, o que noutros tempos era quase obrigatório. Estávamos em 1945 e tinha eu 18 anos, apenas. Bons tempos!...

— E em que lugar jogava, nessa época, no Leixões?

— Nos juniores, alinhava a interior-direito mas quando subi à primeira categoria, onde me mantive até 1949, passaram-me para interior-esquerdo.

## MÉDIO-ALA, O LUGAR PREFERIDO

Aproveitámos então a oportunidade para saber, num momento que tal se discute nas tertúlias afectas ao F. C. Porto, qual o seu lugar preferido.

— Sem dúvida que prefiro o posto de médio-ala, porque na verdade foi aí que consegui dar a medida exacta das minhas possibilidades futebolísticas. Além disso, porque considero o lugar de médio menos dependente de qualquer outro elemento da equipa, embora tenha naturalmente de fazer parte integrante do próprio espírito de equipa. Por outro lado, embora as posições de interior e de médio-ala pareçam semelhantes, são no seu princípio bastante diferentes, pois a recepção da bola faz-se, no primeiro caso, quase sempre de costas para o campo adversário e,

1 — Outra foto de Pedroto jogando pelo Belenenses. Nesta, disputa a bola a Ricardo Vale, do Barreirense.

2 — Pedroto jogando contra o F. C. Porto! Agora será ao contrário — defenderá as cores portistas contra o Belenenses!

3 — Pedroto ao lado de Fernando Vaz, que foi seu treinador no Belenenses e no F. C. Porto.

4 — Na digressão do F. C. Porto à Madeira. A esquerda o inesquecível «Pinga», junto de um dos seus sucessores, o Carlos Duarte.



portanto, em condições pouco favoráveis para iniciar qualquer jogada rápida.

Pedroto, jogador eclético como tem sido, praticou já diversas modalidades. Nataçãõ, pesca, basquetebol, bilhar, pingue-pongue, futebol de salão, etc., em todas elas o valeroso atleta se distinguiu, mas nunca desportou algum o interesseu tanto como o futebol. Por isso, iniciamos agora uma série de perguntas, a que Pedroto deu sempre pronto seguimento. Ei-las:

— Quais os clubes que representou e qual a camisola que mais gostou de envergar?

— Depois dos infantis do F. C. Porto, comecei oficialmente, conforme já disse, a ser jogador de futebol no Leixões. Depois, veio a idade militar e fui de abalada até Tavira, a fim de frequentar o curso de sargentos milicianos de infantaria. Daí, o haver passado a alinhar no Lusitano de Vila Real de Santo António, onde me mantive uma época apenas, transitando então para o Belenenses depois de vários clubes se mostrarem interessados no meu concurso, tais como, além deste, o F. C. Porto, o Benfica, a A. Académica, o Vitória de Setúbal e o Vitória de Guimarães — tudo bons clubes como se vê.

— Acabou por ir para... — iamós nós a interpelar.

— ...o Belenenses, já se sabe. E a transferência do Leixões para o clube do Restelo deu que falar que eu sei lá. Lá me arranjaram um emprego público e o clube de Matosinhos quando tal viu, acedeu, embora logrando ainda a receita de um encontro que o Belenenses veio fazer ao seu campo. Mas o F. C. Porto havia de ser o meu último clube. E, em 1952, para ele me passei com «armas e bagagens», creio que para toda a vida.



Joaquim e Pedroto «atacam» uma bananeira.

A DIREITA:

é neste aposento da sua residência no Porto, que Pedroto guarda as reliquias da sua bela carreira desportiva — álbum de fotografias, galhardetes, medalhas, prendas, bolas de jogos internacionais, etc.

#### TRANSFERÊNCIA PARA O F. C. PORTO — VALOR «RECORD» AINDA HOJE

— Transferência famosa! — replicámos.

— Sim, constitui ainda hoje um «record», entre nós. E, sinceramente, nunca pensei que me dessem a verba que pedi. Como me sentia bem com a colocação que tinha (e todo o futebolista deve olhar bem de frente para o futuro) pedi aos emissários do F. C. do Porto a quantia de 150 contos, convencido de que o meu pedido não seria atendido. Por sua vez, o Belenenses queria só para si, 500 contos. Mas após prolongadas diligências e negociações, a transferência fez-se. Eu sempre recebi os 150 contos, mas o clube de Belém contentou-se com 335. Ao todo, quase 500 contos!

Quanto à camisola que mais gostei de envergar, tenho de confessar, sinceramente, que não há amores como os primeiros — o F. C. do Porto, claro, embora me tivesse sentido muito honrado ao vestir as do Leixões, Lusitano de Vila Real, e Belenenses, de que guardo naturalmente boas recordações.

— E agora, diga-nos, qual o melhor golo da sua vida? Marcou-o a interior ou a médio?

— Há sempre tentos que recordamos com prazer. Jogando a interior no Lusitano, lembro-me de um que marquei ao consagrado Azevedo, na única vez que o Sporting perdeu no Algarve. Tive um chuto feliz, de uns 25 a 30 metros, sem deixar cair o esférico no chão, o qual foi entrar como uma flecha pelo ângulo superior esquerdo de Azevedo. Na posição de médio também já apontei vários. O melhor de todos, talvez o que consegui, no Estádio do Restelo, a época passada, contra o Belenenses, igualmente ao ângulo superior esquerdo e que deu início à recuperação que tivemos.

— Qual foi o adversário que teve, até hoje, mais dificuldade em «segurar»?

— Qualquer adversário é fácil de marcar desde que a nossa condição física seja, pelo menos, igual à dele. Mas o difícil não está em «marcar» apenas. O que se torna mais importante é saber, e poder, organizar jogo sem a gente se esquecer do adversário que está à guarda. Mas penso também que os mais difíceis são aqueles jogadores que sabem o que fazem e que podem ver-se



A ESQUERDA:

Com o dr. Sousa Nunes, o médico do F. C. Porto, e Gastão.

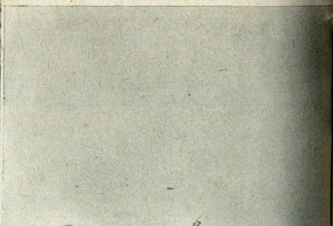
Recordação de uma bela tarde no Funchal.







A DIREITA foto tirada na Venezuela



livres da bola pelo passe e não pelo drible. Estes são os mais perigosos para qualquer médio. Exemplos: Travaços, Casaca, Rocha, o brasileiro Gastão, além de outros.

— Qual o guarda-redes que mais o impressionou?

— Dos nacionais, sem dúvida Azevedo. Dos estrangeiros, Rugillo, um argentino de farto bigode que vi actuar em Wembley, no Inglaterra-Argentina, quando participei em 1952, no «Festival Britânico». A Inglaterra venceu por 2-1, mas Rugillo foi monumental.

— Já agora, quer enunciar os países que até ao momento visitou, mercê da sua situação de jogador?

— Turquia, Egipto, Itália, França, Espanha, Inglaterra, Líbano, Brasil, Venezuela, Marrocos, Irlanda. De todos, gostei mais de Itália, onde nunca joguei, mas que turisticamente é um país de sonho!

— É qual o futebolista de mais fama contra quem jogou?

— Indubitavelmente, Puskas e Di Stéfano. O primeiro no Portugal-Hungria, em Lisboa, em que empatámos por 2-2. O outro, no encontro F. C. Porto-Real Madrid, nas Antas, que vencemos por 5-2.

— E lembra-se do adversário que mais o «torturou»?

— O que mais me perseguiu em toda a minha vida de futebolista foi, sem dúvida, Vasques, no último F. C. Porto-Barreirense, nas Antas. Não me largou nunca fazendo-me uma perseguição constante por todo o campo, independente-



Uma curiosa fotografia em que se vêem lado a lado um jogador do passado e outro do presente — Pedroto e Rui Araújo. Trata-se de um jogo amigável entre o Sp. Lamego e o Estoril. Pedroto é de Lamego e jogou pelo grupo da terra, ao tempo treinado por Rui Araújo.

mente mesmo da posição da bola, o que é demais.

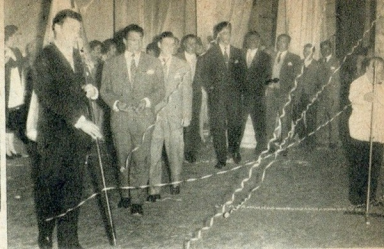
— Quais a maior alegria e a maior tristeza?

— Aníbas se referem ao F. C. Porto em datas recentes. Alegria, a conquista do campeonato nacional da época de 1955-56; tristeza, a perda do mesmo campeonato o ano transacto.

— Já agora: pensa no título, este ano?



Esta é a famosa equipa do F. C. Porto que ganhou o campeonato Nacional de 1955-56: Virgílio, Pedroto, Arcanjo, M. Costa, Osvaldo, Pinho, Hernani, Gastão, Naburu, Teixeira, Pedrigão, C. Duarte (e um pequenino «torcedor» distraído.)



Homenagem aos campeões no Teatro Sá da Bandeira. O popular actor «Costinha» prepara o «micro»

— Naturalmente, e com muita convicção, creia, uma vez que o Benfica deixou de estar no nosso caminho. Só nós e o Sporting, o adversário passa agora a ser só um, embora reconheça que o trajecto está ainda muito erigido de espinhos. Mas, de igual modo para os «leões». Por isso, confio e aguardo com entusiasmo essa real possibilidade.

— E o que pensa sobre a selecção nacional? Não o deixando jogar em lugar certo, julga que será convocado? E, futuramente, por quantos anos?

— Se a minha forma física for boa, nessa altura, como espero, tudo me leva a acreditar que serei realmente convocado, não me importando nunca de jogar no posto que for julgado mais conveniente ou necessário, ou ao qual as minhas qualidades mais se adaptem. Futuramente, como tenho apenas 29 anos, poderei ainda fazer mais duas ou três épocas a sério.

— Mas já pensou na sua festa de despedida?

— José Maria Pedroto fixou-nos bem de frente, sorrindo-se francamente e replicando:

— Acha que já são horas? Não, a festa de homenagem, essa sim, está pelo menos prevista para o princípio da próxima época. Mas não será de despedida, visto que penso jogar ainda mais uns 4 ou 5 anos.

— Quais os encontros que lhe deixaram gratas recordações?

— Especialmente dois: o célebre F. C. Porto-A. Académica que nos garantiu o título de campeões nacionais em 1955-56



Pedroto no exame de curso de treinadores da A. F. Porto, que concluiu com brilhantismo, e merecendo as felicitações do dr. Sarmento.



A equipa de treinadores que participaram no curso de treinadores da A. F. P.

e a inolvidável vitória sobre a Espanha, no mesmo ano em que conseguimos também excelente resultado sobre a Hungria.

— Qual a razão porque tirou o curso de treinador?

— «O saber não ocupa lugar», já lá diz o velho rifão, e, de facto, eu tirei esse curso há alguns anos, numa altura portanto em que nem por sombras me passava, como aliás não passa ainda hoje, a ideia de terminar a minha carreira de futebolista-praticante. Mas eu fui sempre um estudioso por estas coisas da bola e o grupo de professores era tão competente que me seduziu a colher mais alguns ensinamentos, que nunca são demais.

— É um dia pode servir para ganhar-pão?

— interrompemos.  
— Embora não pense vir a acabar nessa profissão, pode ser, sabe-se lá...

### MÉDICO, JOGADOR DE FUTEBOL OU REI DO PETRÓLEO?

Pedroto, em miúdo, quando cursava o liceu pensava em concluir um curso. O de medicina ou cirurgia atraía-o fortemente, mas o futebol, com o rodar do tempo e a vida da cidade fê-lo perder-se na encruzilhada. As

tantas, não vacilou — deixou tudo para ser jogador. E hoje é um profissional brioso, apesar do futebol não constituir profissão entre nós, o que mais o nobilita. É ele ainda que nos diz:

— Inicialmente, eu queria ser médico, de facto. Parecia que essa vocação me apaixonava! Mas quando comecei a praticar o futebol a sério, se me promettessem vir a ser o «rei do petróleo» com os seus 32 milhões de dólares, eu não hesitaria — queria ser antes jogador de futebol. Hoje, já não penso assim, naturalmente, pois quereria ser médico, em primeiro lugar e só depois é que seguiria a carreira de jogador.

Pedroto é um dos poucos jogadores solteiros do F. C. Porto. Inquirimos:

— E pensa ficar solteiro, toda a vida?

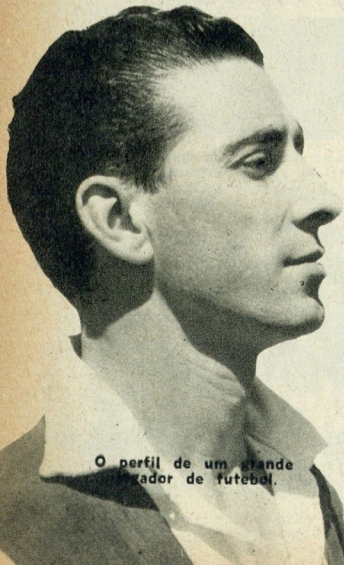
— Com certeza que não, embora considere incompatível a vida de casado com o regime actual do futebolista-profissional. Depois, lá mais para diante, então, sim...

— E, olhe, se vier a ter filhos-varões, não se importava que eles praticassem a mesma modalidade?

— Se tiverem vocação e quiserem jogar, claro que não me oporei, embora, se as coisas continuarem a correr como agora, eles tenham de se valer da experiência do pai para que o futebol só lhes possa aparecer risonho, sem e não com aquelas cores sombrias que, às pre fortemente matizado de cor de rosa vezes, escurecem a nossa vida e os nossos sonhos. O clube que escolheria para eles, se eu pudesse, era sem dúvida o F. C. do Porto.



Pedroto, capitão da selecção nacional!



O perfil de um grande  
jogador de futebol.

### ALFREDO TORRES PEREIRA

Naturalidade — Lisboa

Clubes representados: 1912-14  
Lisboa F. C.; 1914-15 a 1927-28  
Sporting.

Estreia internacional e único jogo  
em 17 de Dezembro de 1922.

### RAUL SOARES FIGUEIREDO ( " TAMANQUEIRO " )

Naturalidade — Setúbal

Clubes representados: ( durante  
as internacionalizações: Olhanense  
e Benfica.

Estreia internacional: em 17 de  
Maio de 1925, contra a Espanha.

Internacionalizações: 17; contra  
a França (5); Espanha (4); Itália (2);  
Checoslováquia (2), Hungria, Chile,  
Jugoslávia e Egipto. Internacional  
olímpico. Capitão num jogo com  
a França.

### CARLOS ALVES

Naturalidade — Lisboa

Clubes representados: (durante  
as internacionalizações): Carcavelhos  
F. C. e Académico do Porto.

Estreia internacional: em 8 de  
Janeiro de 1928, contra a Espanha.

Internacionalizações: 18, contra  
a Espanha (4), França (3), Itália (2),  
Jugoslávia (2), Belgica (2), Argentina,  
Chile, Egipto, Checoslováquia e  
Hungria. Internacional olímpico.

### ANTÓNIO TEIXEIRA

Naturalidade: Funchal

Clubes representados (na inter-  
nacionalização, pelo menos): Ma-  
ritimo.

Estreia e único jogo internacional:  
em 30 de Novembro de 1930, con-  
tra a Itália.



RAUL SOARES FIGUEIREDO  
("TAMANQUEIRO")



ALFREDO TORRES PEREIRA

